

ICMBio

Edição 533 - Ano 11 – 20 de setembro de 2019

em foco



ICMBio inicia novo ciclo do SAMGe

Projeto une artesãos da Flona de Tapajós a designers renomados

Expedição encontra indivíduos de pato-mergulhão em Esec

Parna da Furna Feia discute plano de manejo

Entre os dias 2 e 6 de setembro, o Parque Nacional da Furna Feia (RN) realizou a Oficina do Plano de Manejo, etapa importante do processo de elaboração do documento. Com grande participação da sociedade e do meio acadêmico, o evento ocorreu em Mossoró e foi conduzido pela equipe da Coordenação de Elaboração e Revisão de Plano de Manejo (Coman).

O processo de elaboração do plano de manejo do Parna da Furna Feia teve início em 2018 e tem sido executado e coordenado conjuntamente pelas equipes da unidade de conservação e da Coman. Desde o início, o processo também é acompanhado pelo Conselho Consultivo, por meio de um grupo de trabalho (GT) criado com o objetivo de acompanhar e auxiliar no desenvolvimento do documento. O GT contribuiu na formulação da caracterização do parque nacional e no levantamento de informações preliminares.

Os participantes da oficina foram selecionados a partir de uma reunião do grupo de trabalho, que identificou as instituições que seriam convidadas, buscando o equilíbrio entre os setores da sociedade, como forma de conferir legitimidade e representatividade ao evento. Os participantes trabalharam intensamente durante toda a semana, construindo de forma coletiva o zoneamento e normatização da unidade e as normas de uso da zona de amortecimento, além dos principais elementos que compõem o plano de manejo.

Segundo o chefe do Parna da Furna Feia, Leonardo Brasil, a realização da oficina é uma das etapas primordiais destes cinco anos de gestão da UC. "Avançar na elaboração do plano de manejo com a participação dos diversos setores envolvidos e da sociedade é um passo importante para a consolidação da unidade, para a abertura ao turismo e visitação, bem como para melhorar cada vez mais a relação do ICMBio com as comunidades do entorno do parque", afirmou.



Oficina contou com participação de representantes do meio acadêmico e da sociedade

Wendson Medeiros, um dos representantes do GT, relatou que "a oficina foi participativa, ampla, democrática, bastante positiva e exitosa. Primeiro, pelo fato de o plano de manejo possibilitar a conciliação da conservação da geodiversidade, das cavernas e da biodiversidade do bioma Caatinga com o desenvolvimento do turismo sustentável, integrando as comunidades locais e oportunizando alternativas de geração de emprego e renda para estas comunidades e a região. Segundo, pelo fato de dar um importante passo para a efetivação do parque nacional, o primeiro no estado do Rio Grande do Norte. Como representante da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, enfatizo e reforço a parceria da minha instituição junto ao ICMBio para efetivação deste processo de suma importância para a região onde o Parna está inserido e para todo o estado".

Rose Oliveira, representante da Associações do Vila Nova II do Projeto de Assentamento El Dourado dos Carajás II, falou sobre a experiência de participar da oficina: "Achei incrível tudo que foi exposto. É uma nova experiência para o meu dia a dia. Sobre o plano de manejo, quero dizer que foi maravilhoso e aprendi um pouco mais com os mestres ali presentes. Só tenho a agradecer a Suiane e ao Leonardo. Tiro o meu chapéu para vocês".

Esec da Mata Preta tem nova trilha educacional

O NGI ICMBio Palmas vem trabalhando para desenvolver um conjunto de trilhas para visitação em suas unidades de conservação. Na Estação Ecológica da Mata Preta (PR/SC), onde é permitida a visitação guiada com objetivos educacionais, foi ampliada uma trilha já existente para que grupos de escolas, universidades e outras instituições possam conhecer e aprender com os ecossistemas existentes na UC.

A equipe do NGI, analisando imagens de satélite e a partir de expedições na Esec, estabeleceu um novo trajeto que passou a ser denominado Trilha do Cedro. Nessa seleção, procurou-se escolher terrenos com relevo mais suave e que não trouxessem risco aos visitantes, atravessando áreas com diversas feições, entre elas locais em restauração florestal, áreas úmidas, bordas de floresta, floresta clímax e regiões destinadas à pesquisa e ao monitoramento.

Os pontos de atratividade para atividades de interpretação ambiental foram selecionados por meio da metodologia IAPI (indicadores de atratividade de pontos interpretativos), aplicada pela equipe em campo, que avaliou os diversos locais de interesse no trajeto da trilha. Oito pontos de atratividade foram

selecionados, permitindo experiências de aprendizagem em temas como conservação da biodiversidade, restauração florestal, ecossistemas, fauna e flora e até mesmo aspectos históricos regionais.

Um dos pontos mais marcantes da trilha é uma grande árvore de cedro (*Cedrela fissilis*), uma das mais antigas e destacadas da unidade, que pode ser apreciada durante a caminhada. A espécie, que tem ocorrência na Mata Atlântica, consta na lista de espécies da flora brasileira ameaçada como vulnerável, por ser objeto de exploração excessiva e vítima frequente em áreas de desmatamento.

A nova Trilha do Cedro recebeu, na última semana, melhorias no terreno e sinalização básica, seguindo as indicações do Manual de Sinalização de Trilhas do ICMBio. Foi utilizada sinalização pintada de muito baixa intervenção, com a simbologia das "pegadas", já usada em outras trilhas do NGI ICMBio Palmas.

O primeiro grupo para visitação já está agendado para o próximo dia 28 de setembro, com alunos do curso de Biologia do IFPR Campus Palmas.

Após melhorias na trilha, primeiro grupo de estudantes será recebido na próxima semana





Projeto une artesãos da Flona de Tapajós a designers renomados

Um documentário fruto do projeto Design & Madeira Sustentável, desenvolvido pelo Instituto BV Rio junto à Cooperativa Mista da Flona do Tapajós, a Coomflona, foi lançado recentemente durante a feira internacional de design colecionável "MADE – Mercado, Arte, Design". A iniciativa une designers brasileiros de renome e integrantes da cooperativa, que atua com manejo florestal sustentável e possui a certificação FSC®.

O projeto teve início em 2018 e durante todo o ano levou dez profissionais da área para uma oficina moveleira com os cooperados para compartilhar suas técnicas e seu conhecimento na manipulação do material. A proposta é promover a inserção do manejo florestal comunitário na indústria moveleira de alto valor agregado e promover na sociedade a percepção do valor da madeira de origem sustentável.

Entre os designers que participaram estão Carlos Motta, Fernando Mendes, Paulo Alves, Leonardo Lattavo, Claudia Moreira Salles, Guido Guedes, Rodrigo Calixto, Ricardo Graham, Alessandra Delgado, Roberta Rampazzo e Julia Krantz. Ao longo de 12 meses, eles estiveram na Floresta Nacional do

Tapajós oferecendo oficinas de capacitação. Eles trabalharam junto aos artesãos no sentido de desenvolver sua criatividade para pensar novas formas de trabalhar com a madeira excedente e produziram juntos peças assinadas pelos designers e os moradores locais.

Algumas das obras produzidas em conjunto entre os ribeirinhos e os designers foram comercializadas em galerias, lojas de decoração e feiras de design, como a Semana de Design de Milão, que contou com a exposição de três objetos produzidos durante o projeto Design & Madeira Sustentável. Outro benefício gerado com o projeto é a terceirização de projetos de designers com a Coomflona.

Para José Risonei, chefe da Flona, "o projeto é uma oportunidade para a Cooperativa Mista da Flona do Tapajós agregar valor aos produtos oriundos do manejo florestal sustentável, além de proporcionar alcance de mercados mais exigentes e de gosto mais sofisticado, a partir de um melhor acabamento, melhor design e variedade das peças produzidas, criando uma identidade e uma marca de reconhecimento no setor".

O documentário pode ser acessado [aqui](#).



SEGUNDA FASE

A segunda fase do projeto Design & Madeira Sustentável já está em andamento. A primeira ação foi a participação no evento MADE 2019, que foi seguida de um intercâmbio reverso de uma semana com a presença de

dois comunitários da Comflona nos ateliers dos designers Carlos Motta e Júlia Krantz, em São Paulo. Também estão programados outros dois intercâmbios reversos com os locais a serem definidos e visitas de desiners à Coomflona para realização de treinamentos.

A Coomflona atua na coordenação das atividades do manejo florestal madeireiro e não madeireiro da Floresta Nacional do Tapajós, utilizando técnicas de exploração florestal de impacto reduzido. A organização foi criada em 2005 e envolve 203 cooperados, que são responsáveis por sua gestão. A cooperativa possui a certificação do FSC (Forest Stewardship Council), sistema de garantia internacionalmente reconhecido que identifica, por meio de sua marca, produtos madeireiros e não madeireiros originados do bom manejo florestal. A certificação da Coomflona, em 2013, possibilitou o acesso a mercados mais exigentes e preocupados com a origem do produto.



INSCRIÇÕES ABERTAS!

CATEGORIAS

INICIATIVAS E PROFISSIONAIS DE DESTAQUE NO TURISMO

PARTICIPE
www.inscricaopremio.turismo.gov.br

MTUR
VIAJE PELO BRASIL

ICMBio inicia novo ciclo do SAMGe

A partir da próxima segunda-feira (23), terá início o novo ciclo do SAMGe, ferramenta utilizada para análise do monitoramento da gestão e da efetividade das unidades de conservação federais. As informações apresentadas no sistema são utilizadas para avaliar anualmente o cumprimento das políticas públicas relacionadas com a conservação da biodiversidade, por meio do diagnóstico de cada UC.

Todas as unidades devem realizar o diagnóstico de gestão anual no Sistema de Análise e Monitoramento da Gestão (SAMGe), conforme a Portaria nº 306/2016. Assim, as equipes gestoras devem fazer o preenchimento, preferencialmente de modo participativo, com toda a equipe e se possível com o envolvimento do conselho. Os dados da gestão são divulgados para as equipes gestoras e toda a sociedade.

O acesso ao sistema pode ser feito em samge.icmbio.gov.br. “O último ciclo contou com a participação de 313 UCs, um registro histórico, demonstrando o comprometimento das equipes gestoras com os objetivos de conservação de cada território. Para essas unidades, o preenchimento neste ano é bem mais simplificado, pois será necessário apenas revisar e atualizar as informações inseridas na plataforma em 2018, assim como complementar o mapeamento”, explicou Fabiana Hessel, chefe da Divisão de Monitoramento e Avaliação de Gestão (DMAG).

Para aqueles que farão o primeiro acesso, é necessário realizar o cadastro na própria plataforma, indicando o e-mail institucional e uma senha de acesso. Nesse caso, é preciso complementar as informações de cadastro, indicando o código CNUC da UC na unidade de lotação (se for um NGL, os códigos de todas as UCs integrantes deverão ser inseridos).

São oito passos de preenchimento até gerar o Painel de Gestão, com o retrato da gestão da UC no ano de avaliação. Assim como em 2018, a plataforma disponibiliza uma ferramenta de especialização, facilitando a identificação territorial de

cada feição (Recursos e Valores, Usos e Ações de Manejo), assim como a organização e visualização dos arquivos em ambiente webgis (sistema de informações geográficas online).

“Convidamos todas as UCs a participarem do ciclo 2019 do SAMGe e, assim, contribuir para a gestão das UCs e da análise de efetividade destas áreas protegidas, por meio da sistematização das informações, compreensão da dinâmica territorial e divulgação dos resultados”, ressaltou Bernardo Brito, coordenador-geral substituto de Planejamento, Manejo e Avaliação (CGCAP).

O diagnóstico de gestão de UC no SAMGe também poderá ser realizado em unidades de conservação estaduais e municipais, com apoio e articulação do Departamento de Áreas Protegidas do Ministério do Meio Ambiente.

Os materiais de orientação, incluindo o Manual SAMGe 2018, que contém todas as informações necessárias ao preenchimento, assim como vídeos tutoriais e outras informações pertinentes ao preenchimento, estão disponíveis na [Rede ICMBio](#) e na plataforma SAMGe. Este ano será realizado um curso no ambiente virtual AVA ICMBio para orientar o preenchimento e a análise dos resultados. Recomenda-se realizar a capacitação EAD para aprimorar o preenchimento do sistema.

Dúvidas podem ser esclarecidas pelo e-mail samge.recebimento@icmbio.gov.br ou telefones (61) 2028- 9084 e 9522.





Foram encontrados 25 patos-mergulhão, sendo um casal na Esec Serra Geral do Tocantins

Expedição encontra indivíduos de pato-mergulhão em Esec

Um casal de pato-mergulhão (*Mergus octosetaceus*) foi registrado durante uma expedição realizada na Estação Ecológica Serra Geral do Tocantins (TO/BA). A iniciativa foi desenvolvida ao longo do rio Novo, na região do Jalapão e em um de seus afluentes, o rio Verde, nas áreas da Esec, da Área Estadual de Proteção Ambiental do Jalapão e do Parque Estadual do Jalapão, unidades de conservação com potencial reprodutivo do animal.

A expedição foi realizada entre os dias 27 de agosto e 2 de setembro pelo Instituto Natureza do Tocantins (Naturatins), a Universidade Estadual do Maranhão (Uema) e a Fundação Pró-Natureza (Funatura). A equipe percorreu cerca de 150 km e visualizou aproximadamente 25 indivíduos adultos da espécie, que é considerada uma das aves mais ameaçadas de extinção do mundo. Entre eles, foram identificados casais em fase reprodutiva ou cuidando de filhotes, adultos em fase de muda de penas e ninhos ativos.

"Durante a expedição foi realizada a avaliação da população de pato-mergulhão local e foram mapeadas as áreas com reprodução in situ atuais. As informações obtidas devem contribuir com o conhecimento e desenvolvimento da espécie na região, destacando a importância do investimento em ações para a preservação desta ave em seu habitat natural", explicou Marcelo Barbosa, biólogo da Naturatins.

O pesquisador Paulo Antas, da Funatura, falou dos avanços do estudo: "Neste ano incluímos a Estação Ecológica da Serra Geral entre as áreas de reprodução desta espécie muito ameaçada. De acordo com nossos registros,

entre 12 e 15% da população mundial do pato-mergulhão está no rio Novo. A inclusão de mais uma UC neste esforço é uma ótima notícia uma vez que auxilia a preservação da espécie e a unidade passa a ter o registro de reprodução".

O pato-mergulhão está presente no Brasil em apenas quatro localidades: Serra da Canastra e Serra do Salitre em Minas Gerais, Chapada dos Veadeiros em Goiás e região do Jalapão em Tocantins, principalmente em áreas localizadas nos limites e entorno de UCs. "É evidente a importância das unidades de conservação para garantir a sobrevivência desta espécie", afirmou Ana Carolina Sena Barradas, analista ambiental da Esec.

A pesquisa coordenada pela Funatura tem abrangência nacional e duração de quatro anos e conta com o apoio da Fundação Grupo Boticário de Proteção à Natureza.

Em 2018, com a publicação de uma portaria do Ministério do Meio Ambiente, o pato-mergulhão recebeu o título de embaixador das águas brasileiras. Como a espécie só consegue se alimentar e se desenvolver em locais onde existam águas limpas e transparentes, ela é considerada um bioindicador ambiental: onde há presença deste pato, o ecossistema ainda se encontra em equilíbrio. Atualmente, a população mundial da ave é estimada em menos de 250 indivíduos.

Acervo ICMBio



Navios são afundados para pesquisa e turismo

Dois navios de pesquisa do Cepene, Riobaldo e Natureza, foram afundados na última segunda-feira (16), ao largo de Tamandaré, em Pernambuco, na Área de Proteção Ambiental da Costa dos Corais. Os navios estavam aportados no píer do Cepene desde 2006, mas completamente sem uso devido ao adiantado estado de deterioração das embarcações.

O afundamento foi a opção de destinação que mais se adequou aos objetivos voltados para a conservação ambiental, pesquisa e uso público (turismo contemplativo com mergulho). O afundamento de Riobaldo e Natureza ocorreu a cerca de 7 quilômetros da costa, a uma profundidade de 27 metros. As embarcações ficaram a aproximadamente 80 metros uma da outra. Agora, elas vão virar recifes artificiais, favorecendo o mergulho contemplativo na região e atividades de estudo da biodiversidade marinha.

O esforço realizado para afundamento dos navios foi uma iniciativa do ICMBio com o apoio da Marinha do Brasil (Capitania dos Portos de Pernambuco), Departamento de Oceanografia da Universidade Federal de Pernambuco e da Polícia Federal (Comando de Operações Táticas e Núcleo de Polícia Marítima de Pernambuco). Após 5 meses de trabalho intenso, cerca de 50 pessoas participaram da operação, que começou às 5h e terminou às 10h30min. Além disso, a Praticagem de Pernambuco (Pernambuco Pilots) prestou todo o apoio necessário e uma empresa cedeu o rebocador para levar os navios até o local do afundamento.

A comunidade de Tamandaré compareceu em peso na praia em frente ao Cepene para se despedir dos navios, especialmente do Riobaldo – muitas pessoas da cidade trabalharam no

navio ou tinham alguma relação com a embarcação. "No dia 16 de setembro, os navios de pesquisa navegaram para suas 'aposentadorias' e, agora, terão um descanso merecido no fundo do mar. Eles vão servir para ampliar o conhecimento sobre a ecologia nos naufrágios, tema que ainda é pouco estudado no Brasil", afirmou Leonardo Messias, coordenador do Cepene.

Com o afundamento de Riobaldo e Natureza, o chamado parque dos naufrágios artificiais de Pernambuco passa a contar agora com 14 navios. Futuramente, será montada uma exposição no Cepene com peças das duas embarcações para contar a história de muitas horas de navegação em prol da pesquisa no mar e também como mais uma opção para atrair visitantes à região.

HISTÓRICO DAS EMBARCAÇÕES

Segundo Leonardo, a importância desses navios de pesquisa para o Brasil é muito grande. Inicialmente voltados para a prospecção pesqueira, Riobaldo e Natureza navegaram durante muitas horas em prol da realização do Programa REVIZZE - Avaliação do Potencial Sustentável de Recursos Vivos na Zona Econômica Exclusiva.

A iniciativa resultou de um detalhamento do Plano Setorial para os Recursos do Mar (PSRM), que se originou a partir do compromisso assumido pelo Brasil, quando da ratificação da Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar, que atribuiu aos países costeiros direitos e responsabilidades quanto à exploração, conservação e gestão dos recursos vivos de seu ZEE.

Riobaldo e Natureza foram afundados em uma operação que durou mais de cinco horas





Peças podem ser datadas de até 3.000 anos atrás

Pesquisadores descobrem sítio arqueológico em UC

Uma expedição arqueológica à comunidade Bom Jesus da Ponta da Castanha, na Floresta Nacional de Tefé, no Amazonas, encontrou indícios de que o local pode ter sido habitado por muitas pessoas no passado. A região do Médio Solimões pode ter sido densamente povoada antes da chegada dos europeus.

A expedição envolveu mais de 40 pessoas durante um mês de trabalho e encontrou uma grande quantidade de vestígios arqueológicos de pelo menos cinco ocupações humanas diferentes no local. Algumas delas, como as cerâmicas da tradição Pocó, podem ser datadas de até 3.000 anos atrás. As diferentes tradições são conjuntos de vestígios em cerâmica, como vasos e urnas funerárias, que estão relacionados a períodos específicos. O complexo arqueológico é marcado pela presença de um vasto castanhal que, segundo moradores locais, apesar de se estender por quilômetros, não se prolonga por mais de 500 metros na mata em relação à praia.

O padrão não natural na dispersão dessas castanheiras é mais um indício de que a área abrigou uma grande quantidade de pessoas que, provavelmente, já manejavam essa e outras espécies vegetais há centenas ou milhares de anos. Outra evidência é a presença de terra preta – solo extremamente fértil associado a ocupações humanas de longa duração em um mesmo local.

Além do material cerâmico, foram coletados carvões de sementes e material lenhoso que permitirão uma maior compreensão das datas associadas às diferentes ocupações encontradas no local e de como elas se relacionavam com a paisagem. Rafael Lopes, pesquisador associado do Grupo de Pesquisa em Arqueologia e Gestão do Patrimônio Cultural da Amazônia do Instituto Mamirauá, conta que o impressionante do sítio foi a diversidade do contexto arqueológico. "Foi um mês de trabalho e se conheceu apenas 1% do sítio", conta.

A TRADIÇÃO POLICROMA DA AMAZÔNIA

A produção cerâmica conhecida hoje como Tradição Policroma da Amazônia (TPA) caracteriza-se por suas decorações acanaladas e pelo uso de tintas marrom, vermelha e preta sobre engobo branco. Acredita-se que esse tipo de produção cerâmica, de datações que vão do século 6 até a chegada dos europeus, era comum na Amazônia na época do contato dos colonizadores com as populações indígenas. A maior parte do material encontrado na Ponta da Castanha foi associado a essa tradição.

O complexo arqueológico pode conter informações importantes sobre as pessoas que moldavam seus artefatos com esse padrão estético. Segundo Rafael, a TPA pode ser encontrada em sítios arqueológicos associada a

outras produções cerâmicas em datações que vão até o século 12, a partir do qual, apenas o material da TPA é encontrado. Para ele, isso pode estar associado a uma transformação histórica que acontece por toda a Amazônia e que transforma também a escolha dos lugares a serem ocupados. "Acredito que há um crescimento muito maior das ocupações associadas à beira do rio Solimões, enquanto anteriormente os grandes sítios estavam associados a lagos", explicou o pesquisador.

A partir do século 12, pode ter ocorrido essa transformação que levou as pessoas a abandonarem esses sítios ou reocuparem eles de outras formas. O pesquisador explica que pode ser pensado um padrão como é o de hoje com a cidade de Tefé, onde as grandes cidades do rio Solimões ficam na beira desse rio, enquanto nos lagos encontram-se comunidades.

De acordo com Rafael, as estimativas mais concretas apontam que cerca de 10 milhões de pessoas viviam na Amazônia no momento da chegada dos europeus. Ele afirma que só chegamos a uma quantidade de pessoas parecida com a que existia em 1499 no final do século 20 na região.

A Tradição Policroma da Amazônia tem ampla dispersão, especialmente no oeste amazônico, o que pode indicar conexões entre grupos muito distantes e redes de troca de longa distância. Segundo ele, essas pessoas estão se encontrando e comunicando histórias parecidas, identidades relacionadas e essa marcação específica que é a cerâmica policroma. Sabe-se que essa dispersão aconteceu rapidamente a partir do século 10 e

pode estar associada ao processo de expansão dos povos de língua tupi.

TRABALHO DE CAMPO

Além do Grupo de Pesquisa em Arqueologia, o trabalho de campo envolveu pesquisadores do Grupo de Pesquisa em Ecologia Florestal do Instituto Mamirauá, que realizou um inventário florístico do local procurando entender como o manejo humano pode ter influenciado na paisagem local.

Os pesquisadores contaram também com o apoio dos moradores da comunidade Bom Jesus da Ponta da Castanha que, além de trabalharem nas escavações, emprestaram suas casas e o centro comunitário para abrigar os cientistas. Para o presidente da comunidade, Jucelino Oliveira da Costa, foi uma surpresa encontrar tanto material arqueológico na Ponta da Castanha.

Eduardo Neves, arqueólogo do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, considera que "o sítio tem grande potencial para o estudo das diferentes ocupações que ocorreram nessa região da Amazônia. Não só pela parte da arqueologia, mas pela perspectiva de integração entre a arqueologia e a história da paisagem".

Também participaram da expedição pesquisadores do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), Universidade de São Paulo (USP) e universidades federais do Amazonas (Ufam), de Sergipe (UFS) e do Oeste do Pará (Ufopa).

ODS relacionados



Recrutamento para remoção

Local: Flona do Iquiri
Inscrições até 1º/10

4 vagas para
analista ambiental,
técnico administrativo
ou técnico ambiental

[Informações, clique aqui.](#)

Curtas

APA do Planalto Central realiza palestras para estudantes

Teve início neste mês processo de articulação institucional da Área de Proteção Ambiental do Planalto Central (DF/GO) com o Instituto Federal de Brasília (IFB) para promover troca de saberes e internalizar os objetivos da APA na formação de técnicos do IFB. Cerca de 50 alunos dos cursos de técnicas agrícolas e de agroecologia foram capacitados pelo chefe e analistas da APA sobre a atuação do ICMBio na região do Planalto Central. A intenção é que os novos técnicos e tecnólogos formados pelo IFB sejam multiplicadores dos conhecimentos repassados. As palestras foram seguidas de debates com os estudantes, que participaram ativamente das discussões e demonstraram interesse em aderir ao Programa de Voluntariado do ICMBio. A previsão é de que as palestras sobre a APA sejam ministradas para turmas de outros cursos uma vez que grande parte dos alunos mora em comunidades rurais dentro da unidade de conservação.



Mais de 50 estudantes participaram das palestras

Fernando Tatagiba

ODS relacionados



Aprovado plano de monitoramento e controle de javalis

Portaria publicada na última terça-feira (17) aprova o Plano de Monitoramento e Controle de Javalis (*Sus scrofa*) nas florestas nacionais de Ipanema e de Capão Bonito, localizadas no estado de São Paulo. O documento estabelece seu objetivo geral, objetivos específicos, prazo de execução e formas de implementação,

supervisão e revisão. O objetivo geral do plano é reduzir os danos socioambientais e econômicos causados pelas populações de javali no interior e entorno direto daquelas unidades de conservação, com prazo de vigência até janeiro de 2024. A portaria pode ser acessada [aqui](#).

Esec Niquiá - RR

Havana Maduro Viana



ICMBio em Foco

Revista eletrônica

Edição

Ivanna Brito

Projeto Gráfico

Bruno Bimbato

Narayanne Miranda

Diagramação

Marília Ferreira

Chefe substituto da Divisão de Comunicação

Bruno Bimbato

Colaboraram nesta edição

Antonio de Almeida Correia Junior – NGI Palmas; Bernardo Oliveira – Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá; Carla Oliveira – DCOM; Leonardo Brasil – Parna da Furna Feia; Leonardo Messias – Cepene; Ricardo Peng – APA do Planalto Central.

Divisão de Comunicação - DCOM

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio

Complexo Administrativo Sudoeste - EQSW 103/104 - Bloco C - 1º andar - CEP: 70670-350 - Brasília/DF Fone +55 (61) 2028-9280 comunicacao@icmbio.gov.br - www.icmbio.gov.br



@icmbio



facebook.com/icmbio



youtube.com/canalicmbio



@icmbio